



Análise da representação de gênero dos personagens nas questões da prova de 2016 da OBMEP

Maria Eduarda Cristovão | maria.ec22@aluno.ifsc.edu.br¹

Carolyne Cristina Santos | carolyne.c@aluno.ifsc.edu.br²

Jéssica de Aguiar Franca | jessica.franca@ifsc.edu.br³

Diana Terezinha Amaro | diana.terezinha@ifsc.edu.br⁴

Marcia Inês Schaefer | marcia.schaefer@ifsc.edu.br⁵

Edital nº 01/2025/PROPI - PIBIC-EM

Trabalho de Pesquisa

DT 3 - Educação, Cidadania, Desenvolvimento Social e Práticas Inclusivas

Resumo:

Esta pesquisa analisa as representações de gênero nos enunciados das provas da primeira fase da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) de 2016. O objetivo do trabalho foi identificar se a linguagem utilizada reproduz estereótipos de gênero construídos socialmente, com potencial de influenciar a formação de identidade dos participantes. A metodologia aplicada foi a Análise de Discurso para classificar as questões com base nas atividades em que as personagens estavam envolvidas, e analisadas para possíveis vieses de gênero. Identificou-se uma reprodução de estereótipos de gênero significativos como: nas duas questões que há um professor, os mesmos são apenas mulheres, em uma dessas a mulher comete um erro; também é perguntado, em outra questão, quantas questões uma aluna errou ao realizar uma prova, reforçando o estereótipo de mulher incapaz; foi identificado também que nomes masculinos comumente são retratados no diminutivo, de forma infantilizada. A reprodução desses estereótipos nos comandos das questões pode contribuir para afastar meninas e mulheres da Matemática e manter as diferenças de gênero no campo.

Palavras-chave: Representações de gênero; OBMEP; Análise de discurso; Educação matemática.

Introdução

O presente trabalho está inserido no âmbito do projeto de pesquisa “Análise da representação de gênero dos personagens nas questões da Olimpíada Brasileira de

¹ Estudante do curso Técnico em Recursos Pesqueiros Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Itajaí.

² Estudante do curso Técnico em Mecânica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Itajaí.

³ Professora de Matemática do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Itajaí.

⁴ Professora de Matemática do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Itajaí.

⁵ Professora de Sociologia do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Itajaí.

Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)”, que visa analisar os enunciados das provas da primeira fase dos últimos dez anos, apresentando aqui a análise da prova de 2016. A importância e relevância do trabalho justificam-se pela capilaridade significativa da OBMEP, que em 2016 alcançou 17.839.424 estudantes de 99,59% dos municípios brasileiros.

O conhecimento matemático é influenciado por seu contexto cultural e social, e a linguagem usada na produção dos discursos dos comandos de questões da OBMEP tem papel constituidor sobre quem é ou não representado, influenciando quem pode ou não fazer matemática. No campo da Educação Matemática, analisa-se como nas aulas de matemática se produz um certo tipo de masculinidade e um certo tipo de feminilidade perpetuadores das desigualdades de gênero, ao se afirmar a razão como masculina e a emoção como feminina (Walkerdine, 2008).

O saber matemático é atravessado por influências do meio social e cultural (Skovsmose, 1994), assim, torna-se essencial observar nomes de personagens, os cenários onde aparecem e o vínculo entre gênero e as funções ou profissões exercidas, para que se compreenda como o ensino da disciplina afeta a construção da identidade dos alunos. Entende-se que as escolhas linguísticas nos discursos dos comandos das questões da OBMEP funcionam como um elemento que define quem é incluído no contexto das provas e, por consequência, quem é percebido como capaz de atuar na área da matemática.

Fundamentação teórica

Spencer, Steele e Quinn (1999) investigaram o quanto o estereótipo de inferioridade, que consiste na associação de determinados grupos a menor competência em áreas específicas, influenciava o desempenho matemático das mulheres. O estudo experimental dividiu um grupo de pessoas em duas condições: uma com o estereótipo ativado, e outra sem o estereótipo ativado. Em uma delas, o teste foi apresentado como um instrumento que não apresenta diferenças de gênero; na outra, o mesmo teste foi apresentado como um teste que já demonstrava diferenças de desempenho entre homens e mulheres, embora não houvesse nenhuma mudança nas questões em si. Observou-se que, na condição em que o teste foi apresentado como capaz de revelar

diferenças de gênero, o desempenho das mulheres caiu significativamente, enquanto o dos homens permaneceu estável. Assim, conclui-se que as avaliações não são neutras, pois o modo como são apresentadas pode produzir desigualdades que aparentam ser naturais e que a simples ativação de um estereótipo negativo é suficiente para prejudicar o desempenho em tarefas cognitivas exigentes.

Complementarmente, Wout *et. al.* (2008) aprofundam essa análise ao evidenciar que tal impacto não é homogêneo, variando conforme a identificação do indivíduo com seu grupo social. Dessa forma, os efeitos dos enunciados não se limitam a um impacto cognitivo generalizado, mas envolvem processos identitários mais complexos, nos quais o sujeito se posiciona em relação às representações de gênero mobilizadas no discurso.

Dessa forma, mostra-se de grande relevância analisar como as representações de gênero estão presentes nos enunciados das questões da OBMEP, prova amplamente difundida no Brasil. Nesse contexto, o projeto de pesquisa questiona: como as mulheres estão sendo representadas nas provas da OBMEP?

Procedimentos metodológicos

Com o objetivo identificar se a linguagem utilizada nos enunciados das questões da primeira fase da OBMEP reproduz estereótipos de gênero construídos socialmente, utilizamos a metodologia “Análise de Discurso” (AD) para analisar as provas da primeira fase entre o período de 2015 e 2025. Neste trabalho apresentamos as análises do ano de 2016 da primeira fase dos níveis 1, 2 e 3.

A AD é uma metodologia das ciências da linguagem que compreende o discurso como uma atividade comunicativa entre interlocutores que produz sentidos dentro de uma interação social e histórica (Brandão, 2005; Orlandi, 2020). Brandão (2005) avalia que a sua importância está no fato de que não existe discurso neutro e que a linguagem é o lugar onde a ideologia se materializa e as relações de poder, crenças e valores de um grupo são veiculados, muitas vezes de forma implícita.

Inicialmente foi feita uma seleção das questões que haviam personagens humanos. As questões que haviam personagens humanos foram classificadas baseadas na AD (Brandão, 2005; Maingueneau, 2004; Orlandi, 2020), sendo classificadas com os

seguintes aspectos: presença de personagens mulheres, presença de personagens homens, presença de personagens no coletivo ou sem distinção de gênero. Foi analisado o contexto em que cada questão se inseria e categorizado em: atividades domésticas não remuneradas, atividades profissionais, atividades escolares ou de aprimoramento pessoal, situações familiares, atividades cotidianas e outras. Também foram avaliados outros aspectos, como a forma de tratamento dos personagens e a representação gráfica dos personagens em imagens.

Resultados e discussões

Em todas as edições da OBMEP, a prova da primeira fase contém 20 questões em cada nível, totalizando assim 60 questões. No entanto, como algumas delas se repetem em mais de um nível, na edição de 2016 havia apenas 48 questões únicas. Entre essas questões, 23 apresentavam personagens humanos, 11 delas contendo apenas homens, 13 contendo apenas mulheres, 4 contendo homens e mulheres e 4 com personagens no coletivo (como alunos ou atletas) ou sem distinção de gênero.

Com relação ao contexto, não houve nenhuma questão relacionada à atividade doméstica, 2 no contexto de atividade profissional, 10 em atividades escolares ou de aprimoramento pessoal, 1 em atividades familiares, 16 em atividades cotidianas e 3 em outros contextos. Nas duas questões que envolvem atividades profissionais há mulheres como professoras e, em uma delas, é apontado um erro da docente. Ainda nessa questão, a sala é identificada como propriedade de um aluno homem (“turma do João”). Em outra questão, o contexto mostra um erro cometido por uma mulher durante uma prova em que a imagem presente assemelha-se muito ao cartão de resposta da OBMEP.

Além de cometer erros, as personagens femininas estão associadas a ações de cuidados familiares, em que uma mãe brinca com seus filhos. Antagonicamente, encontram-se personagens masculinos com nomes representados no diminutivo, como por exemplo, “Joãozinho”, ou manipulando objetos identificados no diminutivo - “saquinho”. Evidencia-se que as mulheres, mesmo quando crianças, não são associadas a termos no diminutivo, o que pode sugerir uma infantilização dos homens.

Os resultados observados mostram a importância deste estudo ao apontarem como estereótipos de gênero estão presentes nesta prova de grande alcance nacional.



Esses dados, aliados ao experimento de Spencer, Steele e Quinn (1999), mostram que, apesar da OBMEP buscar “identificar talentos”, a presença desses estereótipos pode estar afastando as meninas da matemática e de outras áreas científicas.

Em 2016, a proporção de medalhas de ouro para cada gênero evidencia uma grande discrepância, com 23% mulheres e 77% homens premiados (OBMEP, 2026). Esse baixo desempenho no topo da premiação reflete a realidade do ensino superior, onde a proporção de mulheres ingressantes em bacharelados é ainda mais baixa, revelando um decréscimo de 39%, em 2009, para 28%, em 2019. A cada ano, a participação no bacharelado vem se reduzindo (Queiroz, 2023).

Considerações finais

O projeto ainda está em andamento, analisando os outros anos da prova da OBMEP, para avaliar se os estereótipos de gênero identificados aqui se reproduziram ou sofreram modificações ao longo dos últimos dez anos de provas. Ainda assim, o desenvolvimento do projeto têm sido de grande valia às bolsistas, que entraram em contato com a metodologia de AD e puderam refletir de forma multidisciplinar sobre os assuntos abordados no projeto. Os impactos dessa pesquisa são fundamentais para as ações de ensino e extensão realizadas historicamente no campus, visando a inserção das mulheres nas áreas de exatas.

Referência ao fomento recebido

Edital 01/2025/PROPI - PIBIC-EM (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio): bolsas financiadas pelo CNPq (PIBIC-ICJ) e pelo IFSC (PIPCIT-ICJ).

Referências

BRANDÃO, H. H. N. **Analisando o discurso**. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2005 [Texto digitalizado no Portal do Museu da Língua Portuguesa]. Disponível em:



<<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Analizando-o-discurso.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OBMEP. **OBMEP em números**, 2026. Disponível em: <http://www.obmep.org.br/em-numeros.htm>. Acesso em: 4 mai. 2026.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

QUEIROZ, D. Bacharelado em matemática é mais desigual para mulheres negras. **Jornal da USP**, 15 jun. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/bacharelado-em-matematica-e-mais-desigual-para-mulheres-negras/>>. Acesso em: 04 mai. 2026.

SKOVSMOSE, O. Towards a philosophy of critical mathematics education. **Educational Studies in Mathematics**, Dordrech, v, 27, p. 35–57, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/BF01284527>>. Acesso em 04 mai. 2026.

SPENCER, S.; STEELE, C.; QUINN, D. Stereotype threat and women's math performance. **Journal of Experimental Social Psychology**, Nova York, v. 35, n. 1, p. 4–28, 1999. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022103198913737>>. Acesso em 04 mai. 2026.

WALKERDINE, V. Ciência, razão e a mente feminina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 07-14, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6657>. Acesso em: 04 mai. 2026.

WOUT, D.; DANSO, H.; JACKSON, J.; SPENCER, S. The many faces of stereotype threat: Group- and self-threat. **Journal of Experimental Social Psychology**, Nova York, v. 44, n. 3, p. 676–684, 2008. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022103107000984>>. Acesso em 04 mai. 2026.